

Resumo: Este texto traz uma entrevista com o linguista Denis Paillard. Nela, são tratados temas que abordam, entre outras questões, seu percurso de pesquisador e suas áreas de atuação, dado o grande conhecedor e estudioso que é de línguas de civilizações orientais, seu ativismo sócio-político, e sua inserção no referencial da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas e as consequências epistemológicas por ele trazidas para o campo de estudos da linguagem.

Palavras-chave: entrevista Denis Paillard, linguística da enunciação, epistemologia

Abstract: This paper brings an interview with the linguist Denis Paillard. Here, we discuss themes that approach, among other things, his course as researcher and his field of work, given the fact he has a great range of knowledge in eastern civilization language, his social and political activism, his entry in the Theory of Predicative and Enunciative Operations and the epistemological consequences brought by him to the language study field.

Key-words: interview Denis Paillard, linguistics of enunciation, epistemology

Entrevista com Denis Paillard¹

Por Márcia Romero² & Valdir do Nascimento Flores³

Denis Paillard, nosso entrevistado, nasceu em 20 de outubro de 1945, em Lausanne, Suíça. Estudou russo em Lyon, França, de 1963 a 1967 e, no outono europeu de 1967, já estava em Paris, onde descobriu a linguística e participou ativamente dos acontecimentos de maio de 68. Nos anos de 1969 e 1970, fez um estágio na Academia de Ciências, em Moscou, sob a supervisão de Igor Meltchuk. Foi professor da Faculdade de Letras de Besançon até 1985, quando assumiu o posto de pesquisador CNRS no laboratório parisiense coordenado, à época, por Antoine Culioli, laboratório que ele deixou definitivamente em novembro do ano passado.

Para além de seu trabalho com a linguística, mas sem deixar de manter uma estreita relação com o linguista que é, Denis Paillard sempre exerceu uma ampla atividade social e política. Com François Maspero, participou da criação da revista *L'Alternative*, primeira revista sobre as lutas do leste europeu pela liberdade e pelos direitos democráticos, na qual foi responsável pela rubrica *URSS*. Durante o período da Perestroika, foi cronista regular na revista *Politis*. Participou da criação do *ATTAC* na Rússia e, durante cinco anos, redigiu *Le messenger syndical*, publicação *samizdat* sobre o renascimento do movimento sindical na Rússia. Traduziu as memórias de Anna Larina Boukharine (*Boukharine ma passion*), o diário de Loulia Piatnitskaya (*Chronique d'une déraison*) e duas obras do historiador Moshe Lewin (*Le siècle soviétique* e *Les sentiers du passé*). No Camboja, em suas palavras, "outra utopia", participou da criação da trupe de teatro *Kok Thlok*, que, há dez anos, vem contribuindo para o renascimento do teatro khmer e que, prioritariamente, se apresenta nos vilarejos e nos *pagodes* do país.

A imensa admiração que sentimos ao ler seus trabalhos, intensos e minuciosos, sobre línguas diversas, nos fez querer ouvi-lo sobre a sua entrada na linguística, o seu encontro com o campo da enunciação e com Antoine Culioli, o seu percurso de pesquisador, questões estas sempre perpassadas por seu ativismo sócio-político. E esse desejo não poderia ter sido concretizado sem que houvesse um outro encontro, o dos entrevistadores

¹ Entrevista originalmente realizada em francês. Texto traduzido por Márcia Romero & Heloísa Monteiro Rosário.

² Doutora em Letras. Docente da Universidade Federal de São Paulo. marcia.romero@unifesp.br

³ Doutor em Linguística. Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. valdimf@yahoo.com.br

que a propõem e que a conceberam em Porto Alegre, RS, em meio a tantas discussões absolutamente prazerosas.

1. Sua carreira de pesquisador iniciou com os estudos de linguística russa. Além do russo, o Sr. sempre mostrou um forte interesse pelo estudo de línguas de civilizações orientais, tais como a língua vietnamita, khmer, japonesa, entre outras. Como surgiu seu interesse por estas diferentes culturas?

Minha relação com a língua russa – e com a Rússia! – é anterior ao estudo linguístico do russo. Comecei meus estudos em Lyon com uma graduação e um mestrado em língua e literatura russas e – primeiro encontro com Bakhtin, que tinha acabado de ser reeditado em Moscou – minha monografia abordava o sonho em Dostoiévski. Em 1967, fui a Paris fazer um curso de linguística na *École Pratique des Hautes Études* (EPHE), ministrado por O. Ducrot, J. Dubois, A. Culioli, J. Coquet. Com esse curso, tratava-se de questionar o monopólio institucional e teórico de André Martinet sobre a linguística na universidade (em 1968, um dos slogans que surgiram na Sorbonne era: “Martinet não é mais O linguista!”). De fato, foi depois dos acontecimentos de 1968 que se criaram departamentos de linguística em um grande número de universidades, sendo o de Paris Vincennes, que tinha a gramática gerativa como teoria dominante, o mais conhecido deles. Inúmeros linguistas, nesses novos departamentos, vinha do curso da EPHE. Durante esse curso, de fevereiro de 1968 a fevereiro de 1969, fiz um estágio na Academia de Ciências da Rússia em Moscou para trabalhar com Igor Meltchuk. Um ano de formação intensa em linguística, mas também uma imersão na sociedade soviética: morei na Universidade, um universo próprio; tive a chance de frequentar alguns meios dissidentes e um dos últimos grupos “leninistas”⁴ da Universidade.

Ao voltar para a França, precisei de pelo menos seis meses para me situar novamente. Milagrosamente, uma vaga de assistente em linguística na Universidade de Besançon me permite entrar (profissionalmente) na linguística. Um pouco por acaso (mas o acaso faz muitas coisas!), me inscrevo para fazer uma tese com Antoine Culioli e começo a trabalhar com o referencial da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Integração lenta, sobretudo porque passo de dois a três dias em Besançon. Faço uma tese de Doutorado sobre *voz e aspecto em russo* de forma bastante solitária. É com minha tese de Estado⁵ sobre *a determinação em russo contemporâneo* que sou efetivamente integrado no grupo de pesquisa que, em torno de / com Culioli, trabalha no quadro da TOPE. Participo das atividades do Laboratório⁶, sendo a ocasião de descobrir a diversidade das línguas (que está no coração do programa culioliano): línguas africanas, línguas semíticas, línguas do Extremo Oriente (chinês e japonês em primeiro lugar). Em compensação, fico bem de fora do meio russo composto, essencialmente, de antigos membros do PC, reconvertido ao antissovietismo, e de emigrados russos que estão persuadidos de ter trazido a Rússia para Paris (além disso, não sou professor de russo!). É no Laboratório da Paris 7 que se desenvolvem os primeiros trabalhos tanto sobre o aspecto, quanto sobre a determinação (dentre os quais os indefinidos, pelo menos dez anos antes que, via “any”, surjam os estudos sobre *free choice* ainda desesperadamente em curso), categorias difíceis de serem integradas por outras correntes teóricas e que a teoria da enunciação permite tratar de modo pertinente. Nessa época, o que conta do ponto de vista metodológico e teórico é o

⁴ Nos anos 50 e 60, notadamente entre os estudantes, florescia um grande número de grupos que criticavam o regime fundamentados em uma leitura de Lênin (inclusive, na leitura do *Testamento*).

⁵ [Nota dos Trad.] Na França, até 1985, havia uma titulação denominada Tese de Doutorado (3º ciclo), de duração de 2 a 3 anos, e uma segunda titulação denominada Tese de Doutorado de Estado, de duração de 5 a 10 anos de pesquisa após a Tese de Doutorado (3º Ciclo).

⁶ [Nota dos Trad.] Os pesquisadores franceses integram Laboratórios, que equivalem aos nossos grupos de pesquisa do CNPq, com a diferença de que eles recebem apoio financeiro, caso dos nossos PPG.

questionamento das categorias e a necessidade de se considerar as formas linguísticas como marcadores de operações metalinguísticas.

Em 1985, minha carreira dá uma virada: deixo a Universidade de Besançon e me torno pesquisador no CNRS, praticamente sem mais nenhuma carga horária de ensino (embora, durante cinco anos, tenha ensinado linguística na prisão da *Santé* no âmbito do *Serviço dos estudantes impedidos da Paris 7*⁷, uma prova apaixonante para um linguista!). E, em 1987, há o lançamento de um primeiro projeto coletivo sobre as partículas enunciativas do russo: no plano teórico, isso ressignifica minha leitura e minha relação com a TOPE. Começo a “integrar” que a enunciação, em Culioli, não é uma teoria do sujeito: é a partir do enunciado, das formas que o constituem, que o processo enunciativo, no qual as partículas e outros marcadores discursivos ocupam um lugar central, se reconstrói, o que me envolve em uma leitura crítica dos trabalhos em pragmática sobre o mesmo tema, de Ducrot à teoria da pertinência. É também a ocasião de um retorno à URSS, a partir de 1985 (não tinha voltado para lá desde 1969), e a multiplicação das missões (mais de 80 entre 1985 e 2006). Ocorre rapidamente o surgimento de projetos em comum com linguistas russos (projetos dos quais Paris 7 será responsável, mesmo sem ter sequer um departamento de russo!), em torno de três temas: a prefixação, as preposições e as palavras do discurso, o que ocasionará a publicação, em Moscou, de sete coletâneas em russo. Essas missões foram também a ocasião de vivenciar os acontecimentos presenciados pela URSS, da Perestroika ao colapso do Império em 1981:

o tempo que passo com os movimentos informais que se multiplicam é o mesmo que passo com os colegas linguistas.

Entre 1979 e 1985, participo com François Maspero da criação de uma revista, *L'Alternative*, consagrada aos movimentos democráticos e aos direitos do homem na Europa do Leste e na URSS (eu era encarregado pela parte URSS). Ao voltar para Moscou, acabo tendo um enorme contato com pessoas fora do meio dos linguistas, estes últimos muito temerosos por conta das reviravoltas que ocorriam. Um período apaixonante em que o cotidiano vira história (eu era um dos cinquenta participantes da primeira manifestação, no centro de Moscou, do Teatro Bolshoi na praça Pushkin). Uma atividade linguística intensa, mas também uma vontade de presença e de compreender o que estava em jogo no país. Durante 15 anos, estou, em todos os planos, entre Paris e Moscou (o que não se dá sem ter criado de fato um certo distanciamento do meio linguístico na França). Em 2006, faço a minha última missão a Moscou, mas, até hoje, mesmo à distância, conservo minha paixão pelo russo, pela Rússia.

No que diz respeito à diversidade das línguas, já disse que o Laboratório de Culioli na Paris 7 era o lugar onde questões teóricas eram indissociáveis da consideração das línguas na sua diversidade, e eu diria, inclusive, em sua singularidade. Em Besançon, orientando algumas monografias, em particular sobre o cantonês e o vietnamita, tinha entendido melhor o que estava em jogo com a diversidade. E a vontade de me arriscar em uma língua não indo-europeia vinha de muito tempo – eu estava particularmente fascinado pelo cantonês, mas com seus nove tons, era uma língua impossível para mim. Após uma tentativa com o dogon e, ainda, com o japonês, a partir de 2005, me lancei na descoberta do khmer e do Camboja e, de fato, isso significou para mim uma segunda vida em linguística, com o questionamento radical de todo fundamento “indo-europeu” da linguística dita geral. Foi também a descoberta de um outro mundo com o Camboja, uma segunda paixão. Tive também que enfrentar a questão urgente de compreender o que significava trabalhar sobre

⁷ Na continuidade do “Comitê Ação Prisão”, conduzido por Michel Foucault após 1968, e devido à iniciativa de Alain Geismar, antigo dirigente da organização maoísta “A esquerda proletária” que passou um ano na prisão *Santé*, é criado, na Universidade de Paris 7, esse serviço em que, nas diferentes prisões da região parisiense (*Santé*, *Fleury Merungis*, *Poissy*, *Melun*), organiza cursos que permitem a detentos prepararem um DEUG [Diploma de Estudos Universitários Gerais] em Letras Modernas. O nome *Serviço dos estudantes impedidos* não é um eufemismo que objetiva evitar o termo “prisão”; essa denominação significa que, quando as pessoas não estão em condições de vir fazer os cursos, cabe à universidade ir onde elas se encontram.

o khmer, ir em missão ao Camboja, se eu não quisesse ser um professor universitário que cai de paraquedas, que só conhece o aeroporto, seu hotel e a sala na qual fala na Universidade. Minha sorte foi de ter em Phnom Penh um “passador”⁸ na pessoa de Deth Thach (hoje, professor de khmer no INALCO), passador para a língua khmer, mas também em relação ao país, à sua história, à sua cultura. Com ele, em 2006, criamos uma trupe de teatro, vinte atores e músicos que, contra tempestades e marés, sem um tostão, batalharam para dar uma nova vida ao teatro no Camboja: em oito anos, recriaram oito formas de teatro, quase desaparecidas em 25 anos de guerra civil, e escolheram apresentar-se prioritariamente nos vilarejos nos quais a cultura é uma componente da vida. Também nesse caso, como para o russo, me arriscar no estudo de uma língua é, para mim, indissociável de uma presença em relação àqueles que a falam, de uma presença na sua cultura, na sua história.

2. Seus artigos voltam-se à compreensão do funcionamento destas línguas sob a ótica da Teoria das Operações Enunciativas desenvolvida por Antoine Culioli, como o Sr. já mencionou. Em um belo texto publicado nos Atos do Colóquio “E. Benveniste aujourd’hui”, Culioli mostra que Benveniste contribuiu definitivamente para alçar a linguística à condição de ciência da linguagem e das línguas. Haveria espaço, na atualidade dos estudos linguísticos, para as amplas consequências epistemológicas que a relação linguagem-línguas, reiterada seguidamente por Culioli, implica?

Antes de mais nada, no que concerne à TOPE, não se trata aqui de me lançar em uma exposição detalhada desse referencial. Na minha comunicação no Colóquio de Cerisy em homenagem a Antoine Culioli, intitulada “De la reconnaissance”, tentei cernir o que faz a especificidade e a extrema riqueza desta teoria. Insisti também no fato de que ela não constitui uma doxa (isto é, um corpo de proposições teóricas) a ser aplicada, e acrescentei ainda que, deste ponto de vista, Antoine Culioli não tinha “discípulos”! Ela oferece, em compensação, instrumentos teóricos e metodológicos que permitem descrever os fenômenos em sua singularidade. E ninguém melhor do que o próprio Culioli para resumir sua abordagem: “Não há linguística sem observações profundamente detalhadas; observações sem teoria dos observáveis; observáveis sem problemática; problemática que não se relacione a problemas; problemas sem a busca por soluções; soluções sem raciocínio; raciocínio sem sistema de representação metalinguística sem operações, em particular, sem categorização; categorização sem transcategorialidade”. E, apenas mais uma breve observação sobre dois pontos articulados: nesse quadro, pode-se encontrar respostas para duas questões que constituem, ainda hoje, um desafio para os linguistas: a “polissemia/policategorialidade” das unidades, mas também a diversidade fundamental das línguas; dois domínios nos quais a problemática do “mesmo” (herança do eurocentrismo na linguística) fracassa em dar conta da variação.

Foi em 1968 que Antoine Culioli formulou seu programa de pesquisa como “a linguagem apreendida por meio da diversidade das línguas, dos textos e dos gestos”, um programa que ele mantém e persegue até hoje, com um deslocamento sensível, há uns dez anos, que dá ainda mais lugar à linguagem. Isso é particularmente evidente na obra *Onze rencontres sur le langage et les langues*, publicada com Claudine Normand (CULIOLI, NORMAND, 2005), e em seus diferentes textos e conferências recentes. Esse lugar conferido à linguagem o distingue radicalmente das outras teorias, inclusive das teorias que dizem respeito à pragmática ou, ainda, ao cognitivismo.

Levar em consideração a linguagem (como atividade) é constitutivo da descrição das formas/dos enunciados, descrição em que entram em jogo “três planos”: a. o plano cognitivo e do afeto (operações enquanto tais inacessíveis); b. o plano linguístico (as formas); c. o

⁸ [Nota dos Trad.] Mantemos o termo do francês, *passeur*, por tudo o que ele significa para o autor: aquele que nos permite ser menos estrangeiro no país, que transmite sua língua, sua cultura, e, nessa transmissão, estabelece vínculos, une.

plano metalinguístico (o das representações). Nessa teoria, as formas da língua têm um duplo estatuto, de um lado, como traços, de outro, como marcadores:

cognitivo-afeto **traços** **formas** **marcador** **representações**

Isso traz igualmente consequências para a noção de categorias definidas como a vertente “linguageira” do plano I. Defino as categorias como “categorias languageiras” para assinalar que sua definição vem da atividade de linguagem e não de uma generalização a partir das línguas. Como escreve Culioli (1999: 164), tem-se uma relação dupla, não simétrica entre noções e marcadores: “As noções têm propriedades formais invariantes e permitem, portanto, por seleção e combinação reagrupamentos de propriedades. Esses reagrupamentos são variáveis e fornecem uma multiplicidade de caminhos possíveis entre o nível I e o nível II. Essas variações produzem essa especificidade das línguas das quais temos a experiência: de I a II, é necessário ativar ao menos um entre os caminhos **possíveis**”⁹.

O termo “caminho possível” (ou ainda “creode”)¹⁰ não significa que se vá da categoria languageira às formas. É a partir das formas que se remonta às noções e à operação da categoria considerada. É tudo o que o termo “traço” põe em jogo. O caminho é, ao mesmo tempo, **necessário** e **contingente**, e a diversidade/singularidade das línguas torna-se uma questão central da reflexão sobre as categorias. Precisemos igualmente que uma mesma forma pode depender de diferentes categorias languageiras – esse ponto é crucial no caso dos marcadores discursivos (MD) (voltarei a isso), em muitas línguas formados, em boa parte, por palavras que têm um estatuto outro que o de MD.

Queria contudo também insistir em outro ponto: a não consideração da linguagem como atividade tem consequências (graves) relativas ao tipo de descrição que os linguistas produzem, em particular no que diz respeito a línguas pouco descritas (faço referência, aqui, à minha experiência em pesquisas sobre as línguas do sudeste da Ásia): as gramáticas feitas pelos linguistas são **gramáticas para linguistas** e não para os locutores dessas línguas. Há dois anos, em uma conferência em Bangcoc, no âmbito de um ateliê sobre as línguas em perigo de extinção (elas são numerosas na região!), um participante americano provocou um escândalo ao declarar que os melhores defensores das línguas em perigo eram, não os linguistas, mas as pessoas que as falam, e que os linguistas deveriam se engajar nessa perspectiva (um apelo a um pouco mais de humildade!). De fato, quando se olham os procedimentos de entrevista em campo, só se pode ficar estupefato pelo que frequentemente decorre da negação pura e simples dos locutores, de sua língua, de sua cultura.

3. O Sr. tem se posicionado contra o que considera uma utilização abusiva da noção de gramaticalização na descrição das línguas não indo-europeias. Em que medida esse posicionamento permite prospectar algo novo para o campo da linguística?

A noção de gramaticalização traz o problema da utilização das categorias e dos conceitos dominantes em linguística (ancorados na tradição de descrição das línguas indo-europeias¹¹) para descrever línguas de outras famílias. Baseio-me aqui em meu trabalho sobre o khmer e no conhecimento dos trabalhos envolvendo outras línguas do sudeste da Ásia. Limito-me a dois pontos:

⁹ Para evitar todo mal-entendido terminológico, nesse texto Culioli emprega o termo “categoria” para designar o modo pelo qual as formas de uma língua põem em jogo as noções e operações abstratas. Trata-se, portanto, do que Haspelmath designa pelo termo “descriptive category” (categoria descritiva) por oposição ao “comparative concept” (conceito comparativo).

¹⁰ O termo foi tomado emprestado da biologia: “creode” significa que, para uma entidade complexa em movimento, não há uma única trajetória, mas uma pluralidade de caminhos, cada caminho sendo, ao mesmo tempo, contingente e necessário (mas não qualquer um). Para Culioli, as formas que dependem, para uma dada língua, desta ou daquela categoria são não quaisquer umas; não há uma realização tipo de uma categoria: toda realização, em sua singularidade, é legítima.

¹¹ Não me interessarei aqui pela crítica que se pode fazer dessas categorias referentes às línguas indo-europeias.

- A fronteira entre léxico (o lexical)/gramática (o gramatical) tal como aparece na maioria das línguas indo-europeias tende a ser alçada a modelo para as línguas pertencendo a outras famílias: o gramatical seria o que é gramatical nas línguas indo-europeias (em primeiro lugar, em inglês) e o lexical o que depende do léxico nessas mesmas línguas. A obra “World lexicon of grammaticalization” de Heine e Kuteva (2002) é um exemplo particularmente impressionante da postura que consiste em considerar o léxico do inglês como léxico de referência. Porém, paradoxalmente, os exemplos dados nesse livro são testemunha da fragilidade de uma tal distinção e da impossibilidade de lhe conferir um estatuto teórico. A própria noção de gramaticalização enquanto aquisição de significações gramaticais por uma unidade lexical é testemunha da verdadeira porosidade entre o que se designa como o lexical e o gramatical. A associação do gramatical ao obrigatório é hoje utilizada massivamente para descrever línguas como as do sudeste da Ásia, como testemunha essa citação de Bisang (2009)¹²:

Em um grande número de línguas no leste e sudeste da Ásia continental, a gramaticalização têm as seguintes características:

- ausência de categorias obrigatórias e predominância de inferência pragmática mesmo em caso de conceitos gramaticais altamente abstratos, tais como tempo verbal e definitude;

- existência de padrões sintáticos rígidos (padrões de ordem das palavras);

- coevolução inexistente ou limitada de forma e sentido.

A definição de obrigatoriedade adotada neste trabalho é aquela de Lehmann [1995]. Uma categoria é obrigatória se o falante é forçado a especificá-la ao selecionar um marcador que pertença a ela. [...]

A ausência de obrigatoriedade é particularmente notável em casos em que o conceito inferido é um conceito gramatical abstrato expresso por categorias obrigatórias em línguas indo-europeias. Ao passo que tais funções são convencionalizadas em indo-europeu, elas são o produto de inferência pragmática em muitos marcadores de línguas do leste e sudeste da Ásia continental. Isso é corroborado pelo fato que, em um número de casos, um marcador pode expressar diferentes conceitos gramaticais em situações ou construções diferentes.

Essa citação (e poderíamos multiplicá-las) tende a exprimir uma forma de “racismo” linguístico para as línguas (e elas são majoritárias no mundo!) que não respeitam a distinção entre o gramatical (assimilado ao obrigatório desde Jakobson) e o lexical. Essas línguas não teriam verdadeiramente “gramática”. Como busquei mostrar em um artigo recente sobre o khmer, não é possível fundar a fronteira entre léxico e gramática e o khmer tem uma gramática tão rica e complexa quanto o francês ou o russo – simplesmente, ela é diferente (esse ponto encontra o que eu dizia acima a propósito do estatuto das categorias no âmbito da TOPE).

- Em khmer, as construções verbais em série (CVS) são massivas e, em uma mesma proposição, pode-se ter de dois a cinco verbos (até oito em certos casos). Na maioria dos trabalhos consagrados às CVS em diferentes línguas, considera-se que uma parte dos verbos participando da CVS perde seu estatuto de verbo por gramaticalização (eles se tornam marcadores de aspecto ou de modalidade) ou por lexicalização (dois verbos formam uma unidade lexical complexa). Frequentemente um “indício” dessa perda de estatuto verbal é a tradução em francês ou inglês da proposição em questão com um só e único verbo (sic).

No que diz respeito às CVS, a obra de Aikhenwald e Dixon, *Serial Verb Constructions* (2006) é referência. Como assinalou o autor de uma resenha crítica, a leitura das descrições propostas pelas CVS de línguas muito diferentes apresentam um curioso ar de parentesco: isso se deve ao formato geral comum, proposto por Aikhenwald no primeiro capítulo, ao qual elas respondem. Desse ponto de vista, é legítimo que as CVS nas diferentes línguas tenham

¹² [Nota dos Trad.] Citação em inglês no texto original. Tradução de Elisa Stumpf (PG-UFRGS).

um forte ar de parentesco. Essa observação a propósito do livro de Aikhenwald e Dixon sobre as CVS poderia ser estendida a um grande número de obras tipológicas nas quais o estudo desta ou daquela categoria repousa sobre uma definição *a priori* da dita categoria (em outras palavras, o “mesmo” é dado de antemão).

4. De que modo suas pesquisas permitem circunscrever o escopo dos fenômenos de mudança e a variação linguísticas?

No que diz respeito à variação, insisti no fato de que dar conta da variação de uma unidade (sua polissemia) permanecia um desafio para a maioria das teorias linguísticas. Isso vale para as unidades propriamente lexicais (com frequência, distingue-se, com base em critérios pouco explícitos, um valor considerado primeiro). A dificuldade é maior ainda quando se trata de unidades como uma preposição. Para as preposições apresentando valores ditos espaciais, considera-se o valor espacial como primeiro e derivam-se, em seguida, os outros valores (temporais ou funcionais), cf. os trabalhos de Vandeloise. A situação é ainda mais complexa quando as preposições não têm valores espaciais como *par* ou *avec*, em língua francesa: se para *avec* alguns autores fazem do valor “comitativo” o valor primeiro, a situação torna-se desesperadora no caso de *pour*, *en* ou ainda *par*. Encontramos nos dois tomos da *Grammaire des prépositions*¹³ de Franckel e Paillard uma crítica a essas abordagens. Em suma, e isso remete ao ponto precedente, o problema da variação toma ainda uma outra dimensão no caso de determinadas unidades do khmer. Darei um único exemplo, o de *trəv*, que, como verbo, significa “tocar acidentalmente”, mas exprime também um conjunto de valores em aparência profundamente disparates: deôntico – necessário, conformidade, detrimentalidade, diátese passiva, verdadeiro convite a um despedaçamento em quatro ou cinco unidades... Minha posição é que *trəv* é uma única unidade e que cabe ao linguista encontrar os meios de dar conta disso.

No âmbito da TOPE, o problema da variação foi objeto de numerosos trabalhos tratando tanto de unidades “lexicais”, palavras “gramaticais” (preposições, prefixos, conjunções de coordenação, etc.) ou ainda de unidades policategoriais, como *trəv* em khmer. Retomando uma expressão de Sarah de Vogüé, “não há valor primeiro que em seguida varia. É a variação que é primeira: a identidade é a variação”.

No que diz respeito à “mudança” (variação concebida de um ponto de vista diacrônico), pessoalmente não tenho experiência nesse domínio. Sobre essa questão, posso remeter a um artigo de Sarah de Vogüé acerca de uma abordagem diacrônica dos marcadores de condição em francês, em que ela conclui:

Explica-se menos em compensação porque as línguas mudam a ponto de se transformarem e porque acabamos por não mais compreendê-las. A gramaticalização explica isso: as línguas transformaram-se efetivamente quando o lexical tornou-se gramatical, quando o intrapredicativo tornou-se ferramenta discursiva, quando as locuções se cristalizaram e não são mais entendidas, quando um dado sentido primeiro ou um dado valor primeiro se perderam. Na teoria da invariância¹⁴, não há valor primeiro que em seguida varia. É a variação que é primeira: a identidade é variação. Porém, isso significa, a partir de então, que essa identidade se mantém ao longo da variação. De um certo ponto de vista, as línguas são então invariantes, não cessando de variar no quadro dos invariantes que as constituem. Tudo estava sempre aqui, e não cessamos de tentar aproximar o que sempre esteve aqui, e que era da ordem do a dizer.

Se as línguas, no entanto, se transformam a ponto de não podermos mais compreender o que elas eram, não é porque valores primeiros desapareceram face a

¹³ [Nota dos Trad.] O primeiro tomo já foi publicado e está referenciado na Bibliografia. O segundo tomo está em fase final de elaboração.

¹⁴ [Nota dos Trad.] A TOPE é igualmente conhecida por ser uma teoria da invariância, em oposição às vertentes que sustentam o fenômeno da gramaticalização.

novos valores, é porque determinados valores, sempre presentes, são esquecidos. Esquece-se o que quis explicitar o inovador que o utilizava. Esquece-se porque ele não está mais aqui para fazer entender o que ele queria dizer.

As línguas se transformam não porque são mudadas, mas porque são esquecidas. Conta-se que o esquecimento é uma das formas tomadas pela maldição de Babel: a torre não desabou, nós a esquecemos. E é por causa do esquecimento que há todas essas línguas que não compreendemos.

E sobre o problema da variação, remeto igualmente a um outro artigo importante de Sarah de Vogüé (2006), *Invariance culioliennne*.

5. O livro *"Inventaire raisonné des marqueurs discursifs du français"*, do qual o Sr. é responsável científico juntamente com Vu Thi Ngan, nasce de uma das pesquisas às quais o Sr. vem se dedicando nas últimas duas décadas, em diferentes línguas, e que se volta para a questão dos marcadores discursivos (MD). Distanciando-se de abordagens de natureza pragmático-funcionais, nesta obra, o objetivo é o de instituir o estatuto desta classe na língua, descrevendo seu funcionamento semântico-discursivo e sintático. Quais as contribuições deste trabalho para os estudos linguísticos e o ensino-aprendizagem de língua, campo este ao qual a obra igualmente se destina?

Os marcadores discursivos (MD) condensam todos os problemas levantados até aqui. Se, há uns quinze anos, floresceram trabalhos, a maioria das descrições dos MD, propostas em diferentes graus e de formas variáveis, apresentam uma componente pragmática importante. Isso tem por consequência relativizar a consideração da semântica da unidade ou das unidades que a compõem (cf. o recurso às noções de gramaticalização ou ainda de pragmatização). Além disso, os MD não são considerados como formando uma classe de unidades na língua. Diferentemente dessas abordagens, defendemos a hipótese de que os MD formam uma classe de unidades (tal como os verbos, os nomes etc.), o que significa que eles têm uma semântica e uma sintaxe (escopo, posição no enunciado) e uma prosódia (o MD pode ou não ser destacado no plano prosódico). Ao mesmo tempo, essa semântica é específica na medida em que ela remete diretamente à atividade de linguagem. Par dar conta dessa questão, introduzi o que denomino **cena enunciativa** (PAILLARD, 2009). No que se refere à cena enunciativa, evidencio dois pontos essenciais para fundar a categoria dos MD. - a noção de "dizer" (N) como o que vai além da dicotomia "dizer" (atividade) versus "dito" (enunciado). Um "dizer" é definido como a associação de um **querer dizer** e de um enunciado. "Querer dizer" não decorre de uma intenção, mas designa o que o locutor tem "a dizer", como na expressão *Você vê o que eu quero dizer com isso* (cf. *mean* em inglês). Nesse exemplo, o querer dizer do locutor é mostrado como distinto do enunciado produzido. Nessa perspectiva, definiremos **um dizer** como um modo **subjetivo** e **parcial** de exprimir por meio de um enunciado **p** um estado de coisas **Z** (**Z**: "isso do que eu falo ao dizer o que digo", cf. a noção de *aboutness*): "subjetivo" no sentido em que **p** exprime o que é da ordem da crença, do saber ou ainda da percepção de **Z** por um sujeito; "parcial" no sentido em que **p a priori** fracassa ao dizer plenamente **Z/** em que **p** é um enunciado entre outros no que se refere a exprimir **Z**.

O segundo ponto pertinente concerne ao fato de que o enunciado **p** é tomado em uma tensão entre três "querer dizer": o querer dizer do sujeito já evocado acima, o querer-dizer das palavras (as palavras têm a significação que têm) e o querer-dizer do mundo, igualmente irreduzível ao que o locutor diz dele, entre crença, saber, percepção, interpretação.

A cena enunciativa (em toda a sua complexidade) está em jogo em toda enunciação. Nesse âmbito, um MD é uma palavra ou uma locução que introduz uma determinação específica recaindo sobre esta ou aquela componente da cena enunciativa. Nessa perspectiva, vê-se que os MD não são conectores, o que não é contraditório com o fato de que eles têm um papel no encadeamento discursivo. Baseado nisso, é possível distinguir

diferentes classes de MD: para o francês, distingo seis delas, em função das determinações trazidas pelos MD. Ademais, em francês, o pertencimento de um MD a esta ou àquela classe é definido por sua forma. Pude mostrar essas classes para o francês, mas também para o khmer. E uma tese sobre o vietnamita permitiu igualmente evidenciar essas diferentes classes.

Uma tal abordagem dos MD permite definir um programa de análise comparada dos MD em línguas diferentes. Esse programa está em andamento há três anos no âmbito do LABEX *Empirical foundations of language* e envolve línguas diversas: francês, russo, italiano, mas também finlandês, khmer, vietnamita, japonês.

De um certo modo, os MD estão no coração da atividade de linguagem e, paradoxalmente, pode-se considerar que, se há universais, estes universais são efetivamente os marcadores discursivos. Mas sua invisibilidade ainda hoje deve-se ao fato de os linguistas, em sua grande maioria, interessarem-se somente pelas línguas, e não pela atividade de linguagem.

Por outro lado, essa abordagem dos MD torna possível um reinvestimento dos MD no ensino de uma língua, materna (lembramos que as gramáticas do francês trazem geralmente um impasse em relação a essas unidades) ou segunda. A obra *Inventaire raisonné des marqueurs discursifs du français* associa a descrição de uns vinte MD a um conjunto de proposições sobre sua abordagem no ensino do FLE. E, em novembro de 2013, em Hanoi e a Ho Chi Minh Ville, dois seminários de três dias reuniram, a cada vez, trinta professores de FLE do Vietnam e do Camboja com o objetivo de identificar e discutir os desafios relacionados à abordagem dos MD no ensino do francês.

6. O que a TOPE lhe proporcionou na atividade de análise linguística que mereceria destaque?

Após quase quarenta e cinco anos de trabalho em linguística, mesmo se o momento não é para um balanço, queria dizer que a TOPE me permitiu desenvolver uma série de projetos sobre línguas diversas, para além do francês, russo e khmer. E isso, para mim, é um ponto essencial, em âmbitos coletivos diversos, mas que têm em comum o fato de terem se desenvolvido em total independência com relação à instituição e aos jogos de poder (demasiadamente presentes na linguística como em outros campos). Como disse na conclusão de minha contribuição ao Colóquio de Cerisy a respeito da TOPE: “Engajar-se nesse espaço não é efetivamente sem risco e não confere nenhuma legitimidade, apenas podendo ser uma resposta ao propósito exigente de “mudar sua atitude face à linguagem e às línguas’.” E eu acrescentaria que uma tal atitude me permitiu assumir o risco de uma presença no mundo, uma presença em relação ao outro, dando lugar a múltiplos encontros apaixonantes.

REFERÊNCIAS

- BUI, Thi Hoang Anh. Etude comparative des marqueurs discursifs du vietnamien dans une perspective comparative avec les marqueurs discursifs du français. **Tese** (Doutorado em Ciências da Linguagem). Université Paris Diderot : P7, 2015.
- BISANG, Walter. Grammaticalization and the areal factor in East and mainland Southeast Asian languages. Disponível em <http://www.linguistik.uni-mainz.de/bisang/publications/>, 2011.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation** : formalisation et opérations de repérage. Paris : Ophrys, 1999.
- CULIOLI, Antoine; NORMAND, Claudine. **Onze rencontres sur le langage et les langues**. Paris : Ophrys, 2005.
- DE VOGÜÉ, Sarah. Invariance culiolienne. In. DUCARD, Dominique; NORMAND, Claudine (Dir.) **Antoine Culioli : un homme dans le langage**. Paris : Ophrys, 2006, p. 302-331.

DE VOGÜÉ, Sarah. Invariance contre grammaticalisation : à propos des variations dans le champ de la condition. **Langages** 190, Paris : Larousse, 2013, p. 81-99.

FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Grammaire des prépositions**. Tomo 1. Paris : Éditions Ophrys, 2007.

HEINE, Berndt; KUTEVA, Tania. **World lexicon of grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

PAILLARD, Denis. De la reconnaissance. In. DUCARD, Dominique; NORMAND, Claudine (Dir.) **Antoine Culioli : un homme dans le langage**. Paris : Ophrys, 2006, p. 169-183.

PAILLARD, Denis. Les marqueurs discursifs comme catégorie. **Colloque Les théories de l'énonciation. Benveniste après un demi-siècle**, 2012, Université Paris Est, France. 2013.

PAILLARD, Denis; NGAN, Vu Thi. **Inventaire raisonné des marqueurs discursifs du français : description-comparaison-didactique**. Vietnã: Edições Universidade Nacional de Hanoï, 2012.

Recebido em : 10/08/2016. Aceito em : 21/10/2016.